



Mário Abrantes

# Aperto à cultura e a quem nela trabalha

Há vários anos a pensar sem êxito frente aos governos do PS e agora do PSD mais as suas direitas atreladas para conseguir chegar à cativação de 1% do orçamento regional, a Cultura tem no seu horizonte a perspetiva de um aperto reforçado, em 2023, à custa do governativo tão auto-vangloriado endividamento 0. É que com a redução orçamental que lhe está inerente e o processo inflacionário a extorquir rendimentos a quem trabalha e a aumentar os lucros do poder económico, o primeiro sector a levar o corretivo subsequente, por mais declarações em contrário e juras de amor que lhe façam os atuais governantes, é a Cultura.

Não é por culpa certamente dos seus agentes, promotores e difusores que a Capital Europeia da Cultura fálhou a Ponta Delgada e aos Açores. E, por mais triste que tenha sido este desenlace, não é por acaso que paralelamente a ele se trava num muito importante equipamento cultural desta cidade, o Teatro Micaelense, uma luta de quem lá trabalha que é, por mais estranho que pareça, quase para assegurar a sobrevivência identitária daquela instituição. E isto para não falar de outros grandes espaços, como o Coliseu Micaelense, os quais não estão livres de vir a enfrentar, se é que não enfrentam já, problemas similares.

As notícias têm sido escassas, mas, pela voz de quem está ligado ao sector veio-se a saber que o orçamento para o Teatro, previsto para 2023, mantém-se nos 650 mil euros, o que não chega sequer para assegurar as despesas correntes, incluindo nelas a remuneração praticamente mínima dos seus 20 trabalhadores, e muito menos oferece condições para organizar e gerir a oferta cultural que é sua incumbência, a bem das comunidades a quem essa oferta se dirige, ficando assim mais cinzenta e mais pobre a nossa vida coletiva.

O que se ouviu aos trabalhadores reivindicar dá-nos bem a ideia do miserabilismo com que nas casas públicas da cultura está a ser encarado o trabalho cultural especializado. Todos os salários são baixos e andam perto do mínimo, mesmo após mais de 15 anos de trabalho. Apesar de desempenharem funções públicas essenciais e altamente exigentes em termos de horário, não são tratados como funcionários públicos em termos de retribuição, e muito menos têm acesso a qualquer progressão na carreira. E como se não bastasse, ainda assim sofreram

todos os cortes entretanto aplicados à função pública. O número de trabalhadores é manifestamente insuficiente para acudir à resposta cultural que se exige ao Teatro Micaelense, sobretudo depois da sua importante reabilitação e reconversão em 2004. Basta dizer, para exemplificar, que hoje existe apenas um técnico de som...Mas também o edifício está a sofrer por falta de manutenção necessitando de obras de conservação em algumas partes, pois poderá ser posto em causa pura e simplesmente o seu uso próximo.

Os trabalhadores do Teatro não estão a pedir nada de extraordinário: um tratamento remuneratório mais digno, uma carreira, e um investimento humano e material naquela instituição pública que responda de forma condigna ao direito dos micaelenses a usufruir de uma cultura de qualidade. É a própria identidade histórica do Teatro, para hoje e para amanhã, que, em lugar de ser preservada, está a ser perigosamente posta em causa em as atuais políticas economicistas e minimalistas para o sector.

Salvo melhor opinião, aqueles que trabalham no Teatro Micaelense, bem como em geral nas instituições culturais públicas, são, no nosso próprio interesse enquanto utilizadores deste fundamental equipamento cultural, merecedores de toda a nossa solidariedade.



Pub.

## NESTE NATAL VALORIZA O QUE É NOSSO

### COMPRA NO NOSSO COMÉRCIO!

CAMPANHA VÁLIDA

**DE 24 DE NOVEMBRO  
A 24 DE DEZEMBRO**

NOS ESTABELECIMENTOS  
ADERENTES EM  
**SÃO MIGUEL  
E SANTA MARIA**



Apoios:

GOVERNO  
DOS AÇORESMAIS INFORMAÇÕES EM [WWW.CCIPD.PT](http://WWW.CCIPD.PT)